



Ética, jornalismo e ideologia dominante

Carlos Borges Júnior¹
João Vitor Meirelles de Siqueira²
Walber Cardoso dos Santos³

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Resumo: Este artigo discute questões relacionadas à ética no jornalismo, tendo como recorte de observação aspectos constitutivos da ideologia dominante, sedimentados no texto jornalístico. No senso comum, acredita-se que o jornalismo deve ser isento, objetivo e imparcial. No entanto, basta um olhar crítico para perceber que as notícias veiculadas pelos grandes meios de comunicação são responsáveis por moldar a construção da realidade. Nesse sentido, o trabalho analisa as manchetes publicadas no texto de capa do *Jornal do Brasil* e de *O Globo* sobre a prisão do ex-presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva. Investiga-se o discurso *tendencioso* que cada jornal construiu sobre a prisão, valendo-se da Análise Crítica do Discurso com base em Fairclough, 2008; CHOULIARAKI, FAIRCLOUGH, 1999; e autores do campo midiático como Thompson, 2011; VAN DIJK, 2015; Genro Filho, 2012, e outros.

Palavras-chave: ética 1; jornalismo 2; ideologia dominante 3; manchetes 4; *Jornal do Brasil* e *O globo* 5.

¹ Professor da Universidade Federal do Tocantins, (UFT). Doutor em Linguística e Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina, (UFSC). E-mail: borges-junior@hotmail.com.

² Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. E-mail: jvmeirelle@hotmail.com.

³ Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. E-mail: walber36@gmail.uft.edu.br.

1. Introdução e pressupostos teóricos

A construção ideológica no texto jornalístico pode reverberar em questões de natureza ética. Quando o fazer jornalístico direciona leituras tendenciosas do acontecimento, ele se distancia de seu compromisso social com a informação. Nesse sentido, passa a agir de acordo com os interesses das empresas, tornando as notícias produtos ideológicos. Esse aspecto direciona a leitura dos fatos e pode tendenciar os leitores a construir interpretações semelhantes ao enquadramento adotado para certos acontecimentos, comprometendo o direito à informação de forma equilibrada com atenção aos fatos.

Embora saiba-se que as notícias se constituem enquanto acontecimentos de interesse social perceptíveis ao olhar do jornalista e, por ele evidenciada em seu aspecto singular/particular, torna-se ilusório acreditar em isenção e/ou absoluta objetividade, entre outros aspectos que poderiam levar à ideia de imparcialidade total no/do labor jornalístico. Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin destaca que “um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também a reflete e refrata em outra” (2009, p. 32). Isso significa que a palavra, enquanto linguagem, é intersectada, isto é, transpassada por/pelos aspectos ideológicos que a constituem em sua natureza social, por isso mesmo sempre contaminada de/por outros dizeres, sejam eles simbólicos ou não. Marina Yaguello, a partir de fundamentos teóricos bakhtinianos, ressalta que “a palavra é o signo ideológico por excelência; ela [a palavra] registra as menores variações das relações sociais” e acrescenta que “isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que a ‘ideologia do cotidiano’, que se exprime na vida corrente, é o caminho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas” (2009, p. 16). Nesse sentido, “a palavra veicula”, de maneira privilegiada a ideologia” (BAKHTIN apud YAGUELLO, 2009, p. 17).

O jornalista, percebendo o acontecimento na vida cotidiana, refrata-o na/pela linguagem, deixando registrado em seu texto aspectos sociodiscursivos historicamente sedimentados por diversas ideologias. Elas se configuram como resultado de diferentes perspectivas, concepções de mundo e/ou lutas sociais ocorridas ao longo do tempo, cuja representatividade social é dada e legitimada pela supremacia da ideologia dominante, reiterada e controlada por grupos que detêm o poder sobre os meios de produção e dis-

tribuição de discursos no contexto social (VAN DIJK, 2015). Nesse sentido, a ideologia é o discurso dominante (THOMPSON, 2011).

Van Dijk (2015) identifica a mídia entre os grupos sociais que reproduzem e disseminam ideologias dominantes, sendo os jornalistas seus operadores. Eles agem de modo que as pessoas passem a tomar decisões que beneficiam os interesses dos que estão no poder (GRAMSCI, 1971; VAN DIJK, 2015), visto que nem todos conseguem perceber as estruturas ideológicas que são construídas pela linguagem em seus contextos específicos de significação. Os grupos da grande mídia e suas organizações sabem perfeitamente que efeitos sua ‘informação’, sua propaganda e sua publicidade têm sobre o público – caso contrário, não se engajariam na comunicação pública”, tampouco investiriam seus recursos nela (VAN DIJK, 2015, p. 33). As notícias/informações geram capital, portanto lucros (sejam eles ideológicos, financeiros, simbólicos, de poder...) aos investidores e outros empresários do setor. Nesse sentido, jornalistas podem agir “como se falassem na linguagem que os próprios leitores poderiam ter usado, o que torna muito mais fácil adotar os seus sentidos (FAIRCLOUGH, 2008, p. 144). Nas palavras de Nelson Traquina “o jornalismo e os jornalistas podem influenciar não só sobre o que pensar mas também como pensar” (TRAQUINA, 2005, p. 203).

“Pode-se considerar que a mídia (...) efetiva seu trabalho ideológico de transmitir as vozes do poder em uma forma disfarçada e oculta”, [por isso, tal aspecto, às vezes, não é identificado por algumas pessoas] (FAIRCLOUGH, 2008, p.144). Esse modo de agir tem caracterizado o trabalho com a informação na sociedade contemporânea⁴, já que os novos modos de produção, distribuição e consumo de informação, discursos, foram reconfigurados pela Modernidade Tardia⁵, caracterizada por relações líquidas⁶,

⁴ Entendida como uma sociedade marcada por “transformações econômicas, culturais e sociais profundas em escala global. Está caracterizada pelas mudanças econômicas em que as unidades de produção estão cada vez mais transnacionais, as transformações culturais sendo referidas como pós-modernas, deslocáveis das determinações de espaço e tempo e, devido aos avanços na tecnologia da informação, que proporciona novas formas de experienciar e conhecer novas possibilidades de relacionamento com as outras pessoas, entre outros aspectos” (CHOULIARAKI, FAIRCLOUGH, 1999).

⁵ Esse movimento é caracterizado pelo dinamismo da modernidade em que se observa a *separação de tempo e espaço*, o dimensionamento de *mecanismos de descaixote* e a relevância quanto a *reflexividade institucional* (GIDDENS, 2002, p. 26, grifos do autor).

⁶ Os modos de ‘produção, distribuição e consumo de bens’ não estão mais organizados a partir de modelos sob os quais operários agem como “indivíduos que desempenham rotinas repetitivas em um processo de produção invariante, mas como grupos em relações flexíveis com um processo acelerado de mudança” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 25).

cada vez mais provisórias e simbólicas (THOMPSON, 2011; FAIRCLOUGH, 2008; CHOULIARAKI, FAIRCLOUGH, 1999; GIDDENS, 2002), aspecto denominado por Thompson de *midiatização da cultura moderna* (2011, p.12, grifos do autor).

Habermas (2014) diz que, sendo a esfera midiática de origem burguesa, pode reproduzir e retroalimentar ideologias dessa classe social dominante. Em vista disso, “em maior ou menor grau, os grupos dominados podem aceitar, consentir, acatar, legitimar ou resistir a esse poder [ideológico] e/ou até mesmo achá-lo ‘natural’” (VAN DIJK, 2015, p. 118), mediante sua concepção dos acontecimentos, percepção de mundo e dos fatos envolvidos no contexto sociocultural em que as notícias são produzidas.

Ao que condiz à atividade de construção da notícia, Adelmo Genro Filho (2012) destaca três aspectos importantes: a singularidade, a particularidade e a universalidade. Para o autor, a singularidade concentra o núcleo da notícia: o acontecimento em si percebido pelo olhar do jornalista em seu aspecto singular. Por sua vez, a particularidade é constituída pelos elementos que contextualizam o acontecimento e a universalidade pelos princípios que correlacionam aspectos singulares à dimensão universal. A equidade entre os três elementos “indica um equilíbrio entre a singularidade do fato, a particularidade que o contextualiza e, com base nessa relação, uma certa racionalidade intrínseca que estabelece seu significado universal” (GENRO FILHO, 2012, p. 201). Portanto, os três pilares constituiriam um equilíbrio quanto à construção da notícia. No entanto, caberia ao jornalista manter a ética para que as informações produzidas não resultassem em desigualdades sociais pelo conteúdo ideológico tendencioso divulgado nas notícias, de maneira subliminar.

Como assevera Genro Filho, “mesmo quando a notícia atinge a relativa harmonia entre o singular e o particular (representada pelo triângulo equilátero), ela pode ainda situar-se na perspectiva da ideologia dominante, como é o caso da maioria das notícias produzidas pelos jornais ‘sérios’ da grande imprensa” (2012, p. 202). Nesse contexto, seria ético favorecer as ideologias dominantes com a função de exercer o poder sobre os grupos dominados, legitimando desigualdades sociais, já que o trabalho do jornalismo deveria assegurar princípios democrático de igualdade social? Genro Filho ainda destaca que a “tendência histórica subjacente à ‘lógica jornalística’ [...] é fruto dos interesses burgueses e também de ‘necessidades sociais profundas’ - no sentido de um con-

flito potencial com a mera reprodução ideológica das relações vigentes”, aspectos estes que reverberam em questões de natureza ética do compromisso social. Com base na teoria interacionista discutida em Traquina (2005), “as notícias são o resultado de processos de interação social não só entre os jornalistas e as fontes, mas também entre os próprios jornalistas, vistos como membros de uma comunidade profissional” (dominante), considerando aspectos de natureza social da cultura social comprometida dos próprios jornalistas.

O fato de ser vitorioso hoje não quer dizer que esse discurso seja definitivo; apenas, que é mais poderoso, o que obriga a reconhecer a existência de vozes dissonantes capazes de lutar pela afirmação da dimensão política da atividade [jornalística], uma luta que, como vimos, é de natureza ética e se reflete tanto na representação da profissão quanto na produção do sentido da informação e na própria definição do que merecerá o status de notícia (MORETZSOHN, 2001, p.12).

Daí a necessidade de colocar essas questões em discussão como prerrogativas éticas orientadoras à prática jornalística, afinal, poderia o jornalismo disseminar concepções específicas de mundo em detrimento de outras para manutenção de desigualdades sociais historicamente construídas, no intuito de se beneficiar econômica, cultural, social ou politicamente? Questões caras, que poderiam resultar em práticas vigilantes de cada jornalista em seu trabalho com as notícias, a informação.

A partir de tais fundamentos teóricos, este artigo se propõe analisar, brevemente, as manchetes veiculadas por *O Globo* e *Jornal do Brasil* sobre a prisão do ex-presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva. As notícias foram publicadas na capa das edições de 8 de abril de 2018, um dia depois do acontecimento noticioso. A abordagem tem como objetivo identificar o discurso *tendencioso* de cada manchete a partir do fato real, que foi a prisão do ex-presidente Lula.

2. Princípios e orientações metodológicas

A base metodológica escolhida para orientar a análise das manchetes do *Jornal do Brasil* e *O Globo* combina a Análise Textualmente Orientada (ATO) vinculada à Análise Crítica do Discurso (ACD), constituindo a Análise do Discurso Textualmente Orientada (ADTO). Essa metodologia corrobora na análise linguística dos fenômenos

sociais, orientando processos de significação para o estudo das mudanças sociais ou manutenção assimétrica do poder em práticas sociais de uso da linguagem. A ADTO possui base interpretativista e é fundamentada nos estudos de Fairclough (2008), com foco no que o autor destaca quando diz que a linguagem constrói relações de poder assimétricas, via discurso. Com base nessa orientação metodológica, Lucas Piter Alves Costa destaca que Fairclough:

operacionaliza na ADTO três dimensões na abordagem do discurso: análise dos textos, análise das práticas discursivas e análise das práticas sociais. Essa operação concebe o discurso em um modelo tridimensional, sendo que a análise de um discurso dentro desse modelo se dá de maneira simultânea nas três dimensões, não havendo uma que deva ser obrigatoriamente priorizada em relação à outra. (COSTA, 2012, p. 4).

Concomitante à análise das manchetes, também será realizada uma reflexão teórica a partir dos apontamentos discutidos por Genro Filho (2012); Traquina (2005) e Moretzsohn (2001) no que condiz ao processo de construção da notícia e suas relações com princípios éticos e ideológicos. A seleção das manchetes resultou do valor midiático e ideológico que a prisão do ex-presidente deflagrou na mídia, sendo um fato noticioso notório ao jornalismo nacional e internacional a partir de várias concepções ideológicas. Os procedimentos que orientam a análise estão organizados da seguinte forma: 1) apresentação da imagem da capa com a identificação da manchete; 2) descrição da capa e da imagem (foto) publicadas em *O Globo* e *Jornal do Brasil*; 3) análise dos sentidos ideológicos que as manchetes dos jornais possibilitam construir.

3. Capas, manchetes e análise dos dados

A prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ocorreu no dia 7 de abril de 2018 e teve repercussão internacional. A notícia foi divulgada a partir de várias perspectivas ideológicas para construção da informação. Este artigo se limita a analisar as publicadas pelos jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil*, edições de 8 de abril de 2018.

Questões ideológicas podem reverberar em princípios de natureza ética no campo do jornalismo, principalmente quando certas ideologias são produzidas e disseminadas nos textos jornalísticos para manter relações de poder e dominação de alguns grupos

sociais sobre outros. Quando tendenciosos, “refletem a ideologia de uma determinada visão de mundo, articulada de forma proposital (quando o proprietário de um jornal usa o seu poder para determinar uma linha editorial específica, por exemplo), ou como reflexo das forças sociais preponderantes na sociedade” (MCNAIR apud SILVEIRA; MAROPO, 2001, p. 4); nos dois sentidos, desvia-se do fato real - a prisão do ex-presidente Lula - para produzir diferentes sentidos, agindo a partir de interesses particulares diversos. A seguir, temos a capa de *O Globo*.

Figura 1- Capa do jornal *O Globo*, 08 de abril de 2018



Fonte: <https://www.vercapas.com.br/capa/o-globo/2018-04-08.html>

No centro da capa de *O Globo*, está publicada a foto do ex-presidente Lula, descendo as escadarias do prédio da Polícia Federal do Paraná. Ele aparece de cabeça baixa, olhando para o chão, sendo conduzido por cinco agentes da polícia federal. A manchete traz o título “Lula Preso”. O ex-presidente, agente passivo da ação verbal. O olho da capa, traz o seguinte texto “Primeiro ex-presidente a cumprir pena por corrupção,

petista se entrega à PF depois de quase 26 horas”. Esse *lead*, vincula Lula ao partido político de filiação, reforçando sua resistência de 26 horas como ato de insubordinação e desafio de autoridade ante a decisão da justiça. Além disso, destaca o fato inédito de ser o primeiro ex-presidente e a cumprir pena por corrupção no Brasil.

O *Jornal do Brasil* constrói outra perspectiva ideológica se comparado com *O Globo*, conforme pode ser observada na imagem a seguir.

Figura 2 - Capa do *Jornal do Brasil*, 08 de abril de 2018



Fonte: <http://www.jb.com.br/jornaldigital/2018/04/08/45/>

Na Capa do *Jornal do Brasil*, observa-se a foto do ex-presidente Lula no centro da página. Ele aparece sentado sobre os ombros de uma pessoa, sendo aclamado pela multidão em volta. O ex-metalúrgico encontra-se de cabeça erguida e aparentemente feliz com o clamor prestado pelas pessoas, que parecem apoiá-lo. A manchete é intitulada “Lula se entrega”, tornando o personagem um agente ativo de sua ação. Desta for-

ma, a edição registra uma “visão positiva do fato”, reforça a ideia de um ato heroico e nobre de Lula, que não resiste, tampouco infringe a lei a que fora sentenciado.

As combinações das manchetes e fotos nas duas capas dos jornais produzem sentidos ideológicos diferentes do mesmo fato. No jornal *O Globo* subjetivamente o leitor é induzido a compreender que a prisão do ex-presidente foi um ato de muita resistência, já que se entregou “à PF depois de quase 26 horas”, informação que gera um “confronto com a lei”. Por outro lado, no *Jornal do Brasil*, a prisão de Lula é tratada como um ato espontâneo do presidente: “Lula se entrega”; contribui para interpretação que o ex-presidente estava disposto a se entregar ao cárcere, mesmo estando nos braços do povo ao seu redor, como mostrado na foto de capa. Ao se analisar essas perspectivas, fica nítido que o jornalismo *não* é imparcial e objetivo como se é dito e pregado pelo discurso do jornalismo profissional:

O fato de ser vitorioso hoje não quer dizer que esse discurso seja definitivo; apenas, que é mais poderoso, o que obriga a reconhecer a existência de vozes dissonantes capazes de lutar pela afirmação da dimensão política da atividade, uma luta que, como vimos, é de natureza ética e se reflete tanto na representação da profissão quanto na produção do sentido da informação e na própria definição do que merecerá o status de notícia. (MORETZSOHN, 2001, p.12)

O campo pragmático de luta social e política, tanto na sociedade se reflete dentro das redações, assim, o jornalismo objetivo reduz a capacidade crítica do leitor em questionar a própria realidade, ora sendo influenciado pela maneira com que o acontecimento é enquadrado pelo jornal. Nesse sentido, convém destacar que:

A prática profissional do jornalismo é eminentemente política e, todo jornalista e cidadão, traz consigo uma bagagem cultural e isso influencia e corrobora na sua apreensão/compreensão da notícia. “A existência de um modo de ver, modo de agir, e modo de falar estabelece um elo de ligação bastante forte entre os membros da diáspora jornalística” (TRAQUINA, 2005, p.202)

Cabe interpretar que todos os recursos utilizados na capa do jornal, da seleção da foto e manchete, foram utilizados com a intenção de levar subjetivamente ao leitor uma mensagem específica, aquém da neutralidade e objetividade preterida no jornalismo contemporâneo das grandes corporações de comunicação. As diversas semioses da linguagem, suas práticas discursivas são selecionadas da forma que são para alcançar a intenção comunicativa do enunciador e nunca um sentido aleatório. Cabe, portanto, aos

leitores, interlocutores do discurso jornalístico, atentarem para as práticas sociodiscursivas das empresas e grupos jornalísticos dominantes, agindo na identificação de ideologias presentes nos textos produzidos no campo do jornalismo como fatos noticiosos, para que possam resistir às ideias disseminadas/ propagadas pela hegemonia, cuja intenção é a manutenção do poder, conformação das massas e intimidação das lutas em favor das mudanças sociais.

4. Considerações finais

A discussão desenvolvida ao longo deste artigo refletiu sobre o jornalismo enquanto produtor de sentidos. Em sua atividade cotidiana de produção de notícias, o jornalista apreende o acontecimento e o projeta no espaço público a partir da singularidade que lhe é peculiar. A essa singularidade associa-se princípios de particularidade e universalidade, tornando os fatos significativos em sua especificidade e em seus fundamentos contextuais (GENRO FILHO, 2012). Quando, na construção da notícia, a informação principal é tangenciada ou apresentada com direcionamento específico para a leitura do fato, nota-se claramente a intenção do enunciador (jornalista/grupo midiático/veículo) em orientar a atenção do leitor para uma compreensão tendenciosa do acontecimento. Esse aspecto, na construção da notícia, foi entendido como ideologia dominante e, no contexto social, resulta em questões de natureza ética, pois quando o jornalismo se presta a reafirmar posições ideológicas de grupos dominantes, silenciando outras para manter o poder e justificar assimetrias sociais, age contra princípios democráticos.

Os abusos do poder e as assimetrias sociais devem ser questionadas no espaço público. Ao tendenciar leituras dos acontecimentos, o jornalismo põe em xeque o seu compromisso social com a informação, visto as intenções subliminares para a compreensão dos fatos. Isso não quer dizer que se acredite em imparcialidade, pois a palavra é ela própria, em seu contexto de uso, ideológica. Contudo, faz-se necessário refletir acerca de práticas discursivas que tendem a justificar os acontecimentos a partir da ótica dos grupos dominantes e o jornalista não pode se eximir desse papel, que é de natureza ética, conforme apontados por Traquina (2005) e Moretzsohn (2001).

A análise das manchetes de *O Globo* e *Jornal do Brasil* sobre a prisão do ex-presidente da república do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, mostra que há a tendência de direcionar a leitura do leitor para a prisão como ato de resistência em desobediência à ordem judicial (*O Globo*) e, por outro lado, interpretada enquanto ato espontâneo e consciente no *Jornal do Brasil*. Nesse sentido, é pertinente que o jornalista esteja ciente de que as escolhas realizadas na linguagem reverberam em práticas discursivas ideológicas, tendenciadoras etc., passíveis de construir relações assimétricas de poder nos textos jornalísticos, operando em favor da manutenção do discurso dominante.

Diante de tais relações, convém questionar se é possível escapar à produção de discursos ideológicos. A resposta é negativa – não há como escapar –, contudo faz-se necessário refletir acerca de fundamentos éticos para que as notícias não reafirmem perspectivas dominantes para a manutenção de assimetrias sociais, visto que as mudanças nas conjunturas sociais são constituídas, *a priori*, por mudanças nas/das práticas que, por sua vez, resultam/reverberam também em questões de linguagem. Embora o compromisso deste artigo tenha sido ensaístico acerca de questões sobre ideologia e ética na construção das notícias, foi possível compreender que a linguagem sedimenta tais princípios nas práticas discursivas, portanto é importante a atenção aos aspectos que as constituem no contexto social de produção, distribuição e consumo de notícias.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

COSTA, Lucas Piter Alves. A ADC Faircloughiana: concepções e reflexões. In. **Linguagem**. v. 20. out. - dez. 2012. Disponível em: < <http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao20/ensaios/003.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2016.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Série Jornalismo a Rigor, Vol. 6. Florianópolis: Insular, 2012.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

MORETZSOHN, Sílvia. “Profissionalismo” e “Objetividade”: o jornalismo na contramão da polícia. In.: **Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação** - BOCC. Portugal: Labcon, 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=605>. Acesso em: 22 maio 2018.

SILVEIRA, Patrícia; MARÔPO, Lidia. Jornalismo e construção social da realidade: um contributo para o debate teórico. In.: **Revista Comunicando**. Vol. 3, Portugal: Sopcom, 2014. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/41404/1/%5B2014%5D-Revista-Comunicando-n.3.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2018.

YAGUELLO, Marina. Introdução. In.: BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. 2ª ed. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2015.